

A ciência na Amazônia: do presente até as perspectivas futuras

Elizabeth Cardoso

(Bacharel em Serviço Social, Especialista em Direito e Proteção Social)

Isaiás dos Santos

(Mestre em Ciências da Educação)

A ciência tem se reinventado cada vez mais e respirado por aparelhos em meio ao desmonte educacional e científico vindouro da política do atual governo federal. Desde a eleição de Jair Bolsonaro, em 2018, a ciência e a pesquisa no país sofreram cortes de 80% em seus orçamentos, o que recai como barreira para o prosseguimento de muitos experimentos e inovações. Programas de Pós-Graduação também sofreram com os altos cortes e diversos periódicos científicos foram obrigados a fecharem ‘suas portas’.

A divulgação científica é um dos grandes pilares no Brasil. Os meios de produção de ciência são pontes para que o mundo saiba o que tem se realizado em diversas localidades do território nacional, em nível de graduação, pós-graduação e outros componentes interdisciplinares. A Amazônia Brasileira é um universo à parte. Possui riquezas de saberes e fazeres, populações distribuídas em várzeas, terras firmes e águas. Trata-se de um universo que respira biodiversidade e está cheio de riquezas que são para serem usufruídas coletivamente, tendo em vista sua rica diversidade cultural, linguística, musical, poética e social.

O cenário que temos na atualidade é controverso, conforme o exposto por meio de dados da economia, ocasionada pelo condicionamento da geopolítica internacional, uma vez que incidem nos reduzidos investimentos brasileiros em CT&I, que é apenas 1,26 % do Produto Interno Bruto (PIB). Recente relatório de ciência da Unesco, publicado em 2021, traz uma amostragem da quantidade de pesquisadores distribuídos por milhão de habitantes no país. Segundo o documento, enquanto o Brasil possui 888 pesquisadores, a Coreia do Sul apresenta 7.980, a Alemanha 5.212, o Japão 5.331, os Estados Unidos 4.412 e o Canadá 4.326.

A partir desses dados, inferimos que o quadro brasileiro se agrava ainda mais com a carência de concursos públicos. Segundo o *El País Brasil* (2021), os valores das bolsas dos programas de pós-graduação do Brasil são insuficientes no que diz respeito à sobrevivência de nossos pesquisadores. Dessa forma, o corte de R\$ 655,4 milhões, que seriam destinados para o

Ministério de Ciência e Tecnologia e Inovações, voltados a editais de pesquisa do CNPq e bolsas de estudo, nesse ano de 2021, ocasionou um cenário de incertezas para toda a comunidade científica. Academia Brasileira de Ciências, Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) e diversas outras sociedades científicas do Brasil, além de universidades e institutos de pesquisa, estão em alerta máximo.

Essa carência de recursos financeiros leva a um desalento dos estudantes. O que estamos testemunhando no agora é uma grave diáspora, oferecendo as nações desenvolvidas nossos melhores talentos e cérebros, ocasionando a chamada “fuga de cérebro para o exterior”. Se no passado o Brasil ocupou o 13^a lugar referente à produtividade internacional de artigos científicos, no presente o país migrou para a oposição da história, uma vez que as verbas do Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FNDCT) e do CNPq foram contingenciadas. Universidades e institutos de pesquisa, como destacamos, encontram-se em circunstâncias de crise.

Mesmo diante de um cenário degradante e com barreiras diversas, educadores e pesquisadores tentam seguir firmes na produção de ciência e pesquisa na Amazônia. Sobre isso, chegamos a este volume do periódico Mutações, da Universidade Federal do Amazonas. Neste volume, de número 13, encontramos diversos escritos que versam sobre distintos aspectos das particularidades do território amazônico. O pano de fundo dos estudos é a *interdisciplinaridade*, uma vez que tal categoria estabelece analogias entre duas ou mais disciplinas de conhecimento.

A *interdisciplinaridade* tem se caracterizado como uma condição *sine qua non* em analogia ao desenvolvimento da ciência, tecnologia e inovação. Essa categoria junta problemáticas e necessidades reais, objetivando recursos integradores, o que se apresenta como aspecto essencial na origem de saberes e fazeres, não ocorrendo unicamente pela conexão de conhecimentos de distintas áreas, mas sim por uma coerência e um compartilhamento de noções, desenvolturas e técnicas que operacionalizem a criação de novos conceitos advindos dessa junção. Assim, a pesquisa de caráter interdisciplinar, pelo seu competente caráter, procede em novos enfoques teórico-metodológicos e coopera na formulação de novos paradigmas.

A interdisciplinaridade, aqui, apresenta o pressuposto básico da ruptura epistemológica com o reducionismo científico e com a territorialidade dos saberes disciplinares. Compreendemos que os fenômenos complexos obsecram um diálogo de caráter interdisciplinar na procura por uma máxima apreensão e abrangência de seus fatores categóricos e suas alusões sociais. A pesquisa interdisciplinar constitui-se, assim, na integração do conhecimento científico de maneira consecutiva e constante, pressupondo um extenso saber na essência das

ciências que se busca unificar, conforme apontam os diversos estudos organizados neste volume da Mutações.

Por fim, cabe destacar que a perspectiva da ciência na Amazônia, para o futuro, é cercada de profunda dificuldade. Barreiras que se estendem mediante o desmonte científico são a todos os momentos erguidas pelo atual governo federal. Os desafios científicos no território amazônico são abissais. Os recursos e fundos para prosseguimento de pesquisas estão cada vez mais escassos e a investigação científica é primordial para pensarmos em soluções e descobrimentos de categorias proeminentes em um território tão singular e diversificado. Assim, este atual volume do periódico Mutações traz como proposta textos de caráter interdisciplinar porque planeja expandir os olhares sobre a Amazônia brasileira e suas diversidades.